

# REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

RESPONSÁVEIS: DR EDUARDO A. TOMANIK (coordenador); LUCY MARA PAIOLA (pos-graduanda); DIRLENE SPONCHIADO E NADIA MARA EIDT (bolsistas PIBIC)

## Resumo

*Apresenta dados e conclusões obtido através de dois estudos complementares realizados no núcleo urbano de Porto Rico. O primeiro investigou as Representações Sociais sobre o Trabalho elaboradas pela população economicamente ativa daquela localidade e mostra que existem, ali, grupos que compartilham internamente concepções e aspirações profissionais diferenciadas das compartilhadas pelos demais. Dados como estes sugerem a necessidade de que projetos futuros, que visem promover alterações nas condições locais de vida e de trabalho levem em conta a existência destas diferenciações. O segundo estudo investigou as Representações Sociais sobre a pesca e as perspectivas de continuidade da mesma entre os filhos de pescadores e pescadores jovens, apontando a possibilidade de que esta atividade, importante como meio de subsistência, mas também como fonte de produção cultural, venha a se extinguir na região. Frente à isto, sugere alternativas de ação que podem vir a reverter as tendências atuais.*

## Introdução

O segmento encarregado dos trabalhos sobre as Representações Sociais elaboradas e compartilhadas pelos grupos da população da região abrangida pelo Projeto realizou, basicamente, dois estudos paralelos.

O primeiro deles envolveu as Representações Sociais sobre o Trabalho, desenvolvidas pela população economicamente ativa do núcleo urbano do município de Porto Rico. O segundo se propôs a investigar as Representações Sociais sobre a pesca e as possibilidades de continuidade desta atividade entre os filhos de pescadores e pescadores jovens da mesma localidade.

## **Representações Sociais sobre o Trabalho elaboradas pela População Economicamente Ativa de Porto Rico, Paraná.**

O estudo que deu origem ao presente relato teve como objetivos levantar dados sobre as Representações Sociais de trabalho elaboradas pela População Economicamente Ativa do núcleo urbano de Porto Rico e as expectativas que a mesma nutre em relação ao que considera como trabalho possível, desejável e ideal. Além disso, também foram investigadas as perspectivas de mudança (para a região e para eles) e as expectativas frente ao ganho possível, desejável e ideal.

Por População Economicamente Ativa entende-se o grupo de pessoas que desempenha ou que pode vir a desempenhar atividades economicamente produtivas.

Fazendo algumas adaptações em conceitos definidos por Tomanik, (1984) considerou-se, neste estudo, trabalho possível como aquele tido, pelos entrevistados, como viável nas condições e no momento em que vivem; trabalho desejável como aquele que o entrevistado gostaria de estar desempenhando ou de vir a desempenhar se fossem mantidas as condições atuais e, finalmente, trabalho ideal como aquele que, segundo o entrevistado, um indivíduo qualquer deveria ou poderia ter, numa situação ideal.

Os dados foram obtidos através da aplicação de uma entrevista semi-estruturada a doze moradores da localidade, cuja escolha ocorreu levando-se em conta o conceito de População Economicamente Ativa.

As informações disponíveis sobre a história local e o conteúdo das entrevistas, transcritas e analisadas, permitiram a elaboração das informações que são apresentadas a seguir.

Os processos de ocupação das terras da região, além de produzir o esvaziamento dos postos de trabalho reduziram, igualmente, a possibilidade de que a população continuasse extraindo seu sustento diretamente da terra ou da natureza, dentro de um sistema de produção voltado muito mais para a sobrevivência da família do que para o acúmulo de outros bens materiais que não os necessários para esta sobrevivência e para o trabalho.

Este sistema tradicional de produção, típico das famílias que ali chegaram naquele período de ocupação planejada, implica, além das características já citadas, em um grau considerável de autonomia de seus participantes, bastante diferenciado das ocupações assalariadas típicas dos meios urbanos atuais.

Apesar de não conseguirem encontrar outras formas de atividades que garantam, de maneira

satisfatória, os ganhos necessários para o sustento de si e de seus familiares, ainda existem, no local, pessoas que procuram obter sua subsistência através daquelas formas tradicionais de trabalho.

Outra parte da população deixou de atuar desta forma e adaptou-se ao mercado de trabalho mais tipicamente urbano. De acordo com Tomanik, Goldberg Godoy e Ehlert (1997), a Prefeitura Municipal e outros órgãos públicos são, hoje, os maiores empregadores da população do núcleo urbano de Porto Rico. Além do serviço público, existem, na localidade, outras formas de trabalho que não se encontram diretamente ligadas à terra ou à natureza, como, por exemplo, estabelecimentos comerciais e serviços, tais como domésticas, babás, lavadeiras.

Os trabalhos realizados sobre as Representações Sociais elaboradas pela população local (Tomanik, 1997; Tomanik, Chaves Filho e Lucas, 1997), tem se concentrado especialmente nos trabalhadores que mantêm ou que procuram manter, ainda, aquelas formas tradicionais de contato direto com o ambiente físico. No entanto, na medida em que as Representações Sociais são diretamente influenciadas pelas atividades cotidianas dos grupos que as elaboram, a existência destas outras formas de trabalho, mais tipicamente urbanas, deve ser também considerada.

Em função disto, para efeito de análise, a amostra que participou deste estudo foi dividida em dois subgrupos que serão denominados, respectivamente “geração agrícola” e “geração urbana”.

Embora, à rigor, nem todos os indivíduos considerados como pertencentes a cada um destes subgrupos tenha nascido numa mesma época e não possam ser considerados como pertencentes a uma mesma geração biológica, o termo geração foi empregado, aqui, por sua relação com a tradição de atuação profissional dos participantes.

Assim, aqueles que nasceram de famílias cuja atividade era essencialmente agrícola e que mantém este mesmo tipo de ocupação (que inclui a existência de vínculos estreitos com a terra ou a natureza), foram classificados como pertencentes à “geração agrícola”. Já aqueles que, sendo ou não provenientes de famílias urbanas, têm suas fontes de subsistência relacionadas com o trabalho urbano foram considerados como pertencentes à “geração urbana”.

#### *“Geração Agrícola”*

Os comentários dos participantes da “geração agrícola” foram praticamente unânimes em apontar dois fatores que consideram como as principais dificuldades enfrentadas por eles: a escassez de oportunidades de atuação profissional, em terras ou no rio e a sazonalidade destas oportunidades.

As poucas formas de cultivo agrícola que ainda ocorrem na região são temporárias e dependem muito pouco do emprego de mão de obra. Desta forma, algumas culturas só produzem em épocas específicas do ano e, mesmo estas, geram poucos postos de trabalho.

Processo semelhante de sazonalidade acontece com a pesca, uma vez que esta é rentável efetivamente apenas durante alguns meses no ano. Isso acontece porque há períodos em que a pesca é proibida por lei e outros nos quais as condições climáticas não favorecem tal atividade.

Com relação ao trabalho desejável, ou seja, a profissão que o indivíduo gostaria de estar desempenhando ou de vir a desempenhar, a maioria dos entrevistados deste subgrupo afirma desejar qualquer tipo de trabalho que possa garantir seu sustento. Paralelamente, encontram dificuldade em que descrever o tipo de trabalho que gostariam de estar realizando.

Processo semelhante acontece com a maioria dos entrevistados deste subgrupo, quando são interrogados a respeito de qual seria um trabalho

ideal para eles. Declaram-se dispostos a desempenhar qualquer atividade, desde que esta lhes garanta o sustento. O idealizado por praticamente todo o subgrupo é um trabalho fixo. Também expressam o desejo de possuir um pedaço de terra onde possam decidir o que produzir e, a partir daí, tirar seu sustento e o de suas famílias. Isso provavelmente se deve ao fato de que, no histórico do trabalho de todos eles e mesmo durante o processo de ocupação recente da região, a maioria destes indivíduos, apesar de não deter a propriedade das terras (onde atuavam como arrendatários), tinha autonomia para decidir sobre os processos produtivos dos quais participavam.

O ganho atual, ou seja, a quantidade de dinheiro que os entrevistados recebem atualmente e o modo como se utilizam deste dinheiro para viver é tido como insatisfatório para a maioria dos entrevistados, pois aquele ganho é insuficiente para suprir mesmo suas necessidades mais elementares. O mesmo parecer é dado quando perguntados à respeito do ganho que acreditam que seja possível obter em um tipo de trabalho qualquer, nas condições atuais.

Já o ganho ideal (a quantia, em dinheiro, estimada pelos entrevistados, como o suficiente para que eles tivessem condições de viver bem) é apontado como o suficiente para que possam se alimentar satisfatoriamente e pagar suas despesas mensais. Quantitativamente, a média estipulada por eles corresponde a cerca de dois salários mínimos (na época, o salário mínimo era de aproximadamente R\$ 136,00).

Quando os incluídos neste subgrupo foram questionados a respeito das perspectivas de mudança que nutrem, tanto para o município como para a região e para as condições de vida da população, suas respostas apresentaram três tendências diversas.

A primeira foi a formada pelas respostas das pessoas que não conseguiram supor como estas mudanças poderiam vir a ocorrer. Uma segunda tendência foi manifestada por aqueles que

concentram suas expectativas de mudanças na dependência das ações de algum tipo de autoridade (Deus, Prefeito, Governador, Vereador). A última tendência foi composta por aqueles que afirmaram que as mudanças podem ser promovidas por pessoas empreendedoras da própria comunidade, embora os entrevistados não tenham se incluído entre estas pessoas.

Uma percepção de dependência semelhante foi manifestada em relação à perspectiva de mudanças para o futuro dos filhos; para estes entrevistados, tais mudanças só devem ocorrer se promovidas por alguma autoridade ou ator social externo ao grupo familiar.

De forma geral, pode-se dizer que esta relação entre a precariedade das condições concretas de vida e a dificuldade de idealizar outras formas de existência é a característica mais marcante nos discursos dos entrevistados deste subgrupo.

#### *“Geração urbana”*

Na “geração urbana” existe, igualmente, um alto grau de insatisfação com relação ao trabalho tido como possível, ou seja, com aquele que desempenham. Os entrevistados deste subgrupo apontam a escassez de alternativas ocupacionais, que se restringem, como vimos, praticamente à Prefeitura, à alguns outros órgãos públicos e, em menor proporção, aos poucos estabelecimentos comerciais e de serviços.

Sobre o trabalho desejável, os relatos destes entrevistados mostram que eles têm sido obrigados a abdicar de seus desejos para suprir suas necessidades básicas, ou seja, entre o desejável e o possível, eles têm sido forçados a optar pelo possível, como forma de continuar garantindo seu sustento. Em consequência disso, o trabalho desejável, para a maioria destes, acaba por ser igual ao que já executam.

Ao contrário do subgrupo anterior, entretanto, os participantes deste conseguem idealizar formas de trabalho que sejam capazes de trazer-lhes, além dos ganhos materiais, algum grau de satisfação pessoal.

A possibilidade de idealizarem carreiras profissionais diferenciadas das atividades que executam atualmente provavelmente se deve ao fato de que estes indivíduos possuem suas necessidades básicas atendidas. No entanto, talvez pelo esforço que despendem tentando manter este nível básico de satisfação, os entrevistados deste subgrupo não evidenciam estar buscando concretizar aqueles ideais.

Com relação ao ganho ideal, as quantias estimadas por eles variam entre R\$ 600 e R\$ 2.000, o que é uma faixa bem acima da estimada como ideal pelos participantes da “geração agrícola”.

Os entrevistados da “geração urbana” citam o lazer e a necessidade de usufruir de algum conforto como parte integrante de suas vidas.

Além disto, conseguem vislumbrar possibilidades de mudanças para o município, principalmente decorrentes de investimentos no turismo e na agricultura, porém não se percebem como possíveis agentes destas transformações. Também para eles, seriam necessárias algumas formas de ação externa para que essas mudanças pudessem vir a acontecer.

As expectativas de mudanças dos entrevistados com relação aos filhos não puderam ser encontradas nas análises, visto que os mesmos não possuíam filhos.

#### **Representações Sociais sobre a pesca elaboradas pelos filhos de pescadores e pescadores jovens de Porto Rico**

Ligado ao projeto “Estudos Ambientais da Planície de Inundação do Rio Paraná, no Trecho Compreendido entre a Foz do Rio Paranapanema e o Reservatório de Itaipu”, foi realizado, por Tomanik (1997), o estudo “Elementos sobre as Representações Sociais dos pescadores profissionais de Porto Rico”. Este estudo buscou identificar,

*“... nas condições materiais de existência, nos discursos e nas práticas dos pescadores*

*profissionais (...) as Representações elaboradas e compartilhadas por eles sobre a natureza, o homem e as relações deste com ela e com seus semelhantes”* (Tomanik, 1997:420).

Através deste estudo o que se pode detectar é que a pesca, na forma em que é praticada ali, por um lado significa uma ocupação econômica e também uma forma de sustentação, ainda hoje, de um conjunto de relações sociais, familiares e com o ambiente, típicas do momento inicial da ocupação da região, valorizando a autonomia do trabalhador e a auto-suficiência (mesmo que relativa) do grupo familiar e da apropriação do meio mais como forma de subsistência do que como fonte de lucro.

Conforme Tomanik (1997), no momento da ocupação inicial da região, era possível a apropriação do espaço, garantindo ao menos a posse e com ela a obtenção dos recursos necessários ao consumo e à sobrevivência. Os recursos eram avaliados pelo seu potencial de uso e só eventual e secundariamente como mercadoria ou por sua capacidade de gerar acúmulo financeiro ou de bens.

Por outro lado, considerando as dificuldades que a atividade pesqueira oferece, o grupo pesquisado percebe que sua forma de subsistência e, com ela, seu mundo, sua forma de vida, seus saberes e eles próprios, pescadores, estão fadados a desaparecer como categoria profissional.

Ainda neste estudo as alternativas apresentadas pelo grupo pesquisado indicam dois conjuntos de respostas, um que aponta como solução a saída do núcleo urbano de Porto Rico, seja em direção ao norte do país, em busca de novas frentes de desbravamento, seja em direção aos grandes centros urbanos a procura de ofertas de emprego diversificadas; e outro que aponta para a busca de alternativas de trabalho no próprio núcleo urbano de Porto Rico, sem o abandono efetivo da pesca.

Ligadas a estas alternativas existem algumas dificuldades. Com relação à alternativa de migração para o interior ou norte do país, o

processo de ocupação apresentado na região, que culminou por excluir esta população das frentes de trabalho, é parte de uma dinâmica que ocorreu em todo o país, concretizando-se em latifúndios e mecanização, ocupação e tecnologia que dispensam o uso de vasta mão de obra. Sobre a alternativa que aponta a busca de trabalho nos grandes centros, o estudo realizado por Tomanik (1997) esclarece que a falta de preparo profissional e a escassez de ofertas de empregos não-qualificados têm dificultado as tentativas de mudanças nesta direção.

Em relação à última alternativa, a de buscar trabalho no próprio centro urbano de Porto Rico, os estudos realizados nesta localidade por Tomanik, Goldberg Godoy e Ehlert (1997), apontam como escassas as possibilidades ocupacionais na região.

As atuais Representações dominantes da sociedade nacional e as práticas delas decorrentes tendem a inviabilizar ou no mínimo a dificultar a manutenção daquele sistema de vida baseado na valorização da autonomia do trabalhador, da auto-suficiência (ainda que relativa) do grupo familiar e na apropriação do meio como forma de subsistência, mais que como forma de lucro, como ocorre na prática da sociedade nacional.

Desta forma, somados aos riscos contra a diversidade biológica encontram-se aqueles ligados à diversidade cultural.

Este trabalho pretendeu, então, investigar a possibilidade das contradições entre aqueles dois sistemas de Representações Sociais, o nacional e o do grupo pesquisado, se refletirem nas gerações mais jovens do mesmo grupo, as suas perspectivas para o futuro e ainda realizar uma avaliação das possibilidades de continuidade da existência do modo de vida típico do grupo pesquisado, visando a preservação da diversidade cultural.

A partir destas constatações, buscar a compreensão das Representações dos pescadores jovens e também dos filhos de pescadores e a interferência dessas

Representações na perspectiva de continuidade da atividade da pesca foi o objetivo geral deste trabalho.

A escolha deste objetivo se deu com base em três justificativas.

Uma delas é o reconhecimento da contribuição da diversidade cultural e das representações para a organização da sociedade tanto do ponto de vista político quanto econômico. A justificativa seguinte apresenta-se ligada ao provável desaparecimento de uma construção cultural que, embora não sendo superior a nenhuma outra, apresenta conhecimentos que, ao serem somados às demais construções culturais existentes a respeito do ambiente local, podem vir a facilitar as metas de um futuro gerenciamento da região.

A terceira justificativa, que reflete os interesses da Ecologia Humana, encontra-se na busca do uso do ambiente visando o convívio entre meio físico e o homem, de forma que a preservação de um não implique na exclusão do outro.

O estudo foi realizado principalmente através de entrevistas. Estas, que foram gravadas e posteriormente transcritas, foram divididas em dois blocos no momento da análise.

O primeiro bloco foi constituído pelas entrevistas dos filhos de pescadores que, sendo jovens, ainda continuam com a atividade da pesca. O segundo bloco, pelas entrevistas dos filhos de pescadores que, na ocasião, não trabalhavam na pesca, tendo ou não trabalhado anteriormente na atividade.

A escolha dos entrevistados ocorreu por indicação, ou seja, a primeira entrevista ocorreu por aproximação da entrevistadora e as demais por indicação dos próprios entrevistados, formando assim uma rede de indicações.

O período de coleta de dados foi de 15 dias (segunda e terceira semanas de janeiro de 1999) e foram entrevistados, no total, 15 pessoas. Das

15 entrevistas obtidas 12 foram classificadas no primeiro bloco e 3 no segundo.

Os dois blocos de entrevistas foram analisados conforme as seguintes categorias:

*Bloco 1* composto pelos filhos de pescadores que continuavam se dedicando à pesca, em janeiro de 1999

- Avaliação sobre as condições da pesca
- Disposições para continuar com a pesca
- Expectativas sobre as condições futuras
- Aspirações ideais
- Perspectivas de melhoria da pesca

*Bloco 2* composto pelos filhos de pescadores que, em janeiro de 1999, não se dedicavam à pesca

- Avaliação das formas alternativas de trabalho
- Razões para o abandono da pesca
- Possibilidade de retorno à atividade
- Mudanças necessárias para o retorno à atividade
- Aspirações para o futuro
- Aspirações ideais

Estas categorias foram selecionadas pelas contribuições que poderiam trazer em relação à avaliação da situação atual e previsão para o futuro da pesca, elaboradas por eles; avaliação das alternativas de trabalho, encontradas por eles, fora da atividade da pesca e estabelecimento de paralelos entre estas e a pesca; comparações entre os motivos que os entrevistados apresentaram, de um lado, para manterem-se na pesca e de outro, para o abandono da atividade; paralelo da leitura que fazem, os dois grupos, sobre suas formas de subsistência, o estilo de vida e o ambiente onde vivem.

### ***Filhos de pescadores que continuam se dedicando à pesca***

#### ***Avaliação sobre as condições da pesca***

A situação da pesca foi apontada por 10 pescadores, dos 12 que compõem a amostra, como ruim. Os motivos apresentados, por eles,

para esta posição frente a pesca, estão, em sua maioria, ligados ao estoque pesqueiro.

Para alguns, os motivos para a pesca ser apontada como ruim são ligados ao ambiente, especialmente às mudanças ocorridas no nível e duração das enchentes que interferem, segundo eles, na presença e quantidade do peixe no rio.

Ainda apontando os motivos para a diminuição do estoque pesqueiro, há aqueles que se referem à forma de uso do solo e ao desmatamento das margens e mesmo das ilhas.

Dentre os que apontam como ruim a situação da pesca um, ao se referir ao nível do rio e à duração das cheias faz referência a um dos barramentos do rio em função das usinas hidrelétricas construídas à jusante e à montante da região sem, no entanto, especificar a qual delas se refere.

Ocorreu, também, neste grupo, a reclamação de que o material de pesca, chamado por eles de “traia”, tem um custo muito elevado, o que dificulta a sua aquisição. Assim, não resta, a eles, outra saída a não ser a de trabalhar com um material limitado e nem sempre eficiente.

Para completar o quadro de uma visão ruim, além das dificuldades de captura, seja pela diminuição dos estoques, seja pela deficiência dos equipamentos, o preço pago a eles pelo pescado é apontado como insuficiente.

Apenas um dos entrevistados aponta a situação da pesca como razoável. Entretanto esta avaliação assume mais uma posição de conformismo que de satisfação efetiva.

O único dos entrevistados que representou a situação da pesca como boa, ao ser questionado sobre as razões ou motivos dessa representação disse não saber o que o levou a pensar assim.

O que se percebe, através das falas deles, é que, se no passado as formas de ocupação do ambiente os expulsaram da terra, atualmente essas mesmas formas os estão expulsando do rio. Estes processos, de forma direta ou não, são frutos das ações de outros grupos humanos. Eles

ocorreram, por exemplo, tanto através das alterações produzidas no nível e no tempo de duração das cheias, (que dificultam os processos de reprodução), quanto no desmatamento das margens, que reduz a alimentação dos peixes, tornando o ambiente menos atrativo para estes últimos.

A natureza, por outro lado, é vista como pródiga; é unânime a posição de que quando o rio enche o peixe volta a aparecer.

#### *Disposição de continuar com a pesca*

Quando questionados sobre suas intenções, dos 12 entrevistados, 8 afirmaram pretender continuar mantendo a pesca como sua atividade profissional.

Os motivos apresentados pelos entrevistados aparecem ligados, invariavelmente, a um estilo de vida, seja baseado na liberdade de ações, seja no gosto de viver em contato mais direto com a natureza.

Para os 4 entrevistados que afirmam que não pretendem continuar com a pesca os motivos apresentados para esta decisão são dois. Um deles é a fiscalização, pois o que tem de ruim na atividade são os policiais e fiscais que lhes tiram o material de pesca quando são pegos pescando em lugar proibido. De acordo com Tomanik (1997) os pescadores sabem e até compreendem as razões destas proibições. O que fazer, entretanto, se o lugar proibido é onde o peixe está?

O outro motivo refere-se às dificuldades no desempenho da atividade, sejam relacionadas a tirar o peixe do rio, sejam relacionadas aos ganhos com ela.

Um deles afirma que quer deixar a atividade da pesca não por ser ruim ou boa mas por querer ser agrônomo. Porém, este entrevistado diz não saber se vai ser possível ingressar em uma instituição de ensino superior, por causa dos custos. Caso não consiga realizar seu sonho, continuará no rio e na pesca.

Embora a maioria avalie a situação da pesca

como ruim, ainda assim é também a maioria que afirma ter intenção de continuar com esta atividade, a despeito das dificuldades. Também aqui, como em Tomanik (1997), o que parece atraí-los à atividade é o estilo de vida que ela proporciona, com relativa liberdade de ações, num estreito contato com a natureza.

#### *Expectativas sobre as condições futuras da pesca*

Dentre os 9 entrevistados para os quais foi apresentada esta questão, apenas um deles considera que a pesca vai melhorar. Mesmo assim, a avaliação desse entrevistado parece estar ligada à sua capacidade de ter esperança e torcer para que a melhora ocorra, uma vez que os motivos que apresenta para essa sua posição aparecem condicionados à possibilidade de o rio encher e à preservação do peixe e não à previsão de um fato, ainda que distante. Outro entrevistado considerou que a pesca não vai melhorar.

Entre esses dois entrevistados parece que a diferença de avaliação está na capacidade de cada um de ainda acreditar que as condições de pesca podem, ou não, melhorar.

Os 7 entrevistados restantes alegaram não saber se a pesca vai melhorar ou não.

Convém explicar que esta questão foi apresentada aos entrevistados quase no final da entrevista, após a discussão sobre a situação da pesca e os motivos que levaram à situação apresentada. Mesmo após apontarem que o estoque de peixes está baixo; que as enchentes já não propiciam o alagamento das ilhas e várzeas, fato necessário para o sucesso da desova e conseqüente aumento do estoque pesqueiro; que o desmatamento nas ilhas e margens tem escasseado a alimentação para os peixes, o que também dificulta, no mínimo, a manutenção dos seus estoques; a maioria afirma não saber qual a tendência para a situação da pesca na região.

À primeira vista pode parecer estar havendo, por parte dos entrevistados, uma incapacidade

de avaliação da situação vivida. Entretanto, existem alguns pontos a considerar e que podem sugerir uma outra forma de ver, ou entender, essa aparente incapacidade de respostas dos entrevistados.

Digamos que, dando seqüência ao que apresentaram sobre a situação da pesca, admitam que a tendência é de que a pesca vai mesmo piorar, o que resta a eles fazerem? Procurar outra atividade? Qual, em uma localidade em que as possibilidades de ocupação são escassas e numa região em que a atividade agrícola ou pecuária já não absorve a mão-de-obra disponível?

A situação sugere que, já que a localidade ou mesmo a região não oferecem condições para absorver a mão-de-obra, o que resta mesmo é não admitir aquela condição, pois admiti-la parece penoso demais e, por isso, provavelmente, este posicionamento é evitado ou adiado ao máximo.

Esta situação, vivida pelos entrevistados, pode estar demonstrando um sentimento de impotência para reagir e reverter o quadro em que se encontram. A situação ruim da pesca aparece como resultante de situações ou fatos cuja alteração não está ao alcance deles. Como, enquanto pescadores, sem força política ou organização de grupo, promover mudanças? Como interferir nas cheias e na fiscalização, como fazer o preço dos equipamentos abaixar e o do peixe subir? Esta situação sugere, então, a existência da percepção de limitações para agir e de falta de perspectivas de ações coletivas.

Como apontado por Diegues (1996) percebe-se a existência de um fraco poder político para reagir e neste caso, talvez, por nem saber que ele pode vir a existir.

#### *Aspirações Ideais*

Quando foi pedido para que imaginassem uma situação hipotética em que a situação econômica vivida por eles se alterasse e, através do próprio trabalho, ficassem muito ricos, 8

deles afirmaram que ainda assim se manteriam no rio.

Destes, alguns afirmam, veementemente, não conseguirem afastar-se da atividade, mesmo que não fosse mais necessário continuar com ela. Dentre aqueles que alegam não deixar o rio e a pesca, mesmo já não havendo a necessidade de trabalhar, apenas um deles manifesta o desejo de possuir uma lancha ou um barco mais moderno, sugerindo uma expectativa de alcançar algo que, atualmente, insere-se no mundo daqueles que são os mais ricos da região ou são turistas. Esta manifestação exemplifica o que afirma Diegues (1996), a respeito de não existirem populações tradicionais puras, ou seja, sem a presença de vieses de outras culturas presentes no entorno social.

Os 8 entrevistados que afirmam que continuariam com a pesca mesmo se fossem ricos, apresentam a expectativa de ter uma casa boa, de sua propriedade, na cidade e um barco, para poder continuar no estilo de vida no qual já estão inseridos.

Afirmações como estas sugerem que os ganhos almejados por eles são apenas os necessários para que possam se manter, sem os dissabores da pobreza e da insuficiência de recursos em que vivem. O acúmulo de riquezas não parece ser, para eles, um fim em si, tal como ocorre na sociedade mais ampla. Eles não manifestam desejos de mudar de estilo de vida, de ingressar num mundo diferente daquele em que vivem, mesmo que a riqueza acene com a possibilidade de oferecer a eles outros prazeres ou confortos.

Dentre os 4 entrevistados que manifestam o desejo de abandonar a pesca frente à possibilidade de já não precisar trabalhar para conseguir o sustento, um deles manifesta o desejo de ser jogador de futebol, o que implica, então, em sair da cidade e ingressar em outra realidade, refletindo, novamente, aquela posição de Diegues (1996).

Outro diz que investiria na construção de casas para alugar e não sairia da localidade.

Os outros dois entrevistados afirmam que tomariam caminhos voltados à atividade com a terra; um seria agrônomo e outro compraria uma fazenda.

Mesmo entre aqueles que abandonariam a pesca, nota-se que existe o interesse em manter o vínculo com a terra, a proximidade com a natureza e, portanto, com aquele estilo de vida relativamente livre, já apontado por Tomanik (1997).

#### *Perspectivas de mudanças para a pesca*

Frente à pergunta sobre o que poderia colaborar para melhorar a atividade da pesca três entrevistados disseram não saber.

Entre as respostas apresentadas pelos demais a mais freqüente é aquela que se refere aos estoques de peixes. A segunda resposta mais freqüente refere-se ao regime das cheias que, na visão deles, sofre influência dos represamentos em função das barragens das hidrelétricas.

Num terceiro bloco temos três sugestões, cada uma delas apresentada por apenas um entrevistado. Um dos entrevistados aponta para a necessidade de uma intensificação das medidas de fiscalização, sugerindo, entretanto que a fiscalização deve ser mais branda com o grupo de pescadores profissionais que com os turistas.

Outro entrevistado sugere que para melhorar a pesca o que deve ocorrer é a queda nos preços para aquisição dos equipamentos (redes, linhas, anzóis). O terceiro sugere transformações na organização da Colônia de Pescadores para que esta entidade sirva melhor àqueles aos quais atende ou, conforme a visão do entrevistado, deveria atender.

Sobre a possibilidade de uma organização por parte dos pescadores buscando melhorar a atuação da Colônia, ele afirma que os pescadores precisam apenas ter força de vontade para poderem promover mudanças na forma desta entidade atender ao grupo de pescadores, seus filiados.

As sugestões apresentadas, em sua maioria, referem-se a processos que, por hora, frente à desorganização do grupo e à falta de coesão do mesmo em torno de objetivos comuns, dificilmente serão alterados.

Apesar das sugestões apresentadas não envolverem uma percepção de que eles podem, através de sua organização, promover mudanças, um deles parece estar alcançando, ou estar próximo de visualizar a necessidade da organização do grupo, quando sugere a necessidade de uma maior efetividade por parte da Colônia e que isto pode ser alcançado através da ação conjunta dos pescadores.

Fica evidente, através das falas deles que apesar da pesca estar ruim, a maioria não quer abandonar a atividade, pelo desejo de continuarem com o estilo de vida relativamente livre e próximo da natureza, herdado de seus antepassados.

### ***Filhos de pescadores que não estão se dedicando à pesca***

#### *Avaliação das formas alternativas de trabalho*

São três os entrevistados incluídos neste bloco de análise, ou seja, filhos de pescadores que, no entanto já não se dedicam à atividade da pesca. As atuais atividades, ou ocupações, desenvolvidas por estes entrevistados são: ajudante de pedreiro; pintor de parede e condutor de barco de aluguel (este é o proprietário do barco).

Conforme os entrevistados, as atuais ocupações desenvolvidas por eles têm lhes oferecido mais ganhos, ou condições um pouco melhores, do que aqueles oferecidos pela pesca.

O entrevistado que exerce a função de barqueiro e que é proprietário de um barco de aluguel para turistas, desenvolve uma atividade ligada ainda ao rio. Ele conta, com entusiasmo, histórias da vida passada, quando sua família vivia apenas dos ganhos com a pesca. Este entrevistado ainda guarda proximidade com o

estilo anterior de vida pois continua ligado ao rio em sua atual ocupação, preservando a autonomia que a pesca também propicia.

As outras duas atividades desempenhadas pelos entrevistados, ajudante de pedreiro e pintor de parede, são atividades que ora oferecem ocupação, ora não, situação não muito diferente daquela vivida nos tempos da pesca.

Entretanto, afirmam preferi-las à pesca, porque estas atividades não envolvem as perdas, comuns da atividade da pesca. Um deles refere-se às várias vezes em que voltavam do rio sem a quantia de pescado suficiente para cobrir os custos do gelo e do combustível, gastos na empreitada.

Mesmo a atividade de barqueiro de aluguel está sujeita à sazonalidade, uma vez que depende do turismo e no inverno, em virtude do frio, ocorre uma queda no contingente de turistas na localidade.

Estes dados reafirmam a falta de ocupações ocupacionais efetivas na região que possam se colocar como alternativas à pesca.

#### *Razões para abandono da atividade*

Os três entrevistados apontam, como a principal causa do abandono da pesca, a queda do estoque pesqueiro. Outro motivo, apresentado por um deles, refere-se à falta de alimentação para os peixes, nos rios e lagos da região. A consequência disso foi a impossibilidade de manter-se, economicamente, através dessa atividade. Além disto, a lucratividade da pesca, segundo eles, era muito incerta.

As respostas sugerem que o abandono da pesca ocorreu em função da diminuição dos estoques pesqueiros, dos ganhos e do conseqüente aumento da dificuldade para garantir o sustento da família, não por uma opção que apresentasse grandes vantagens em relação à pesca e nem por uma insatisfação qualquer com a própria atividade.

Um dos entrevistados aponta também a atuação da Colônia de Pescadores da localidade como um dos motivos, não apenas de seu abandono da pesca mas também do de outros colegas. Conforme este entrevistado, existe uma grande insatisfação entre eles, os pescadores, com relação àquela entidade.

Esta crítica à Colônia é feita por apenas um dos entrevistados, entretanto, talvez não devesse ser ignorada uma vez que este órgão deveria estar atendendo ao grupo de pescadores da região e aos seus interesses.

Aquela postura demonstra, também, um grau de dependência do grupo em relação à “uma pessoa” qualquer que viesse a fazer por eles o que eles próprios não fazem e nem se vêem como capazes de fazer.

#### *Possibilidade de retorno à atividade*

Quando questionados se gostariam de poder continuar com a pesca, apenas um dos três entrevistados ofereceu resposta afirmativa. Os outros dois entrevistados afirmaram que não gostariam de continuar com a pesca.

Entretanto, ao final ou mesmo início das entrevistas apareceram falas que evidenciam certa prudência para afirmar categoricamente que não gostariam de retornar à atividade, possivelmente frente à pouca oferta de ocupação na localidade.

No decorrer da entrevista um desses entrevistados contou que pesca ainda, eventualmente. Esta fala demonstra que embora a pesca não seja mais a atividade principal, mesmo que na forma de “bico”, ela ainda funciona como uma saída para os momentos de baixa nos ganhos com as atividades mais tipicamente urbanas.

A fala anterior corrobora, também, a informação levantada através de observação, que apesar de se dizerem ex-pescadores, é comum que eles não se desfaçam dos equipamentos necessários para o desempenho da atividade.

O que se pode perceber, a partir destas falas e da observação citada acima, é que, embora não desejada e, as vezes, nem admitida como tal, frente às dificuldades inerentes à atividade e aos ganhos com ela, a pesca ainda é o ponto de apoio, ou a saída, mesmo para aqueles que já não se consideram ligados a ela. É aquela atividade a ser procurada nos momentos em que as outras fracassam.

#### *Mudanças necessárias para o retorno à atividade*

Quando questionados sobre o que precisaria acontecer para que continuassem pescando, em dois pontos os entrevistados foram unânimes; em primeiro lugar que é preciso aumentar os estoques pesqueiros e em segundo lugar, que houvesse aumento dos ganhos.

Outra possibilidade, apontada por dois dos entrevistados deste subgrupo, foi a falta de possibilidade de outras formas de atuação profissional. Neste caso, a volta independe da quantidade de peixe no rio e se configura como única saída para a sobrevivência.

Se considerarmos que apenas um deles é proprietário de barco de aluguel, portanto é dono do próprio negócio, os outros dois, frente a escassez de ocupação na região, podem ser, talvez, obrigados a retornar à atividade da pesca, mesmo que temporariamente.

Embora, pela sua tradição ocupacional, estes entrevistados estejam ligados ao estilo de vida de proximidade com a natureza e autonomia, parece que, entre eles, o fator de peso para o abandono da atividade foi a subsistência própria e do grupo familiar. Eles não citam qualquer ação que, partindo de uma organização do grupo de pescadores, poderia influenciar de forma positiva sobre a atividade e seus resultados. As ações para busca de soluções dos problemas, que são comuns ao grupo, são pensadas de forma individual, ou no máximo, dentro da célula familiar.

### *Aspirações para futuro*

A respeito das projeções para o futuro um deles afirma que “gostaria de [ter] dinheiro para ficar sossegado, né... uma vida melhor (...) saúde, mulher bonita, casa, carro, tudo mais, dinheiro, né”.

Dois deles dizem que não sabem o que será do futuro. Dentre esses entrevistados, um expressa a vontade de ter tido a chance de escolher outra profissão. O outro entrevistado afirma ter receio de buscar outras atividades fora da região, uma vez que não se sente preparado.

Observa-se que apenas o primeiro deles consegue projetar algo para o futuro, para o amanhã. Este entrevistado tem 18 anos, é solteiro e não tem filhos; talvez seja a combinação desses elementos que possibilite a ele uma maior liberdade para planejar ou apenas esperar que aconteça algo melhor.

Dos dois outros entrevistados, um tem 30 anos, é casado e tem dois filhos; o outro tem 22 anos, também é casado e tem 1 filho. Pode ser que o fato de constituir família e com isso, ser responsável pela sobrevivência familiar, os esteja forçando a pensar, com receio, no futuro, mesmo a partir daquilo que têm hoje, o que não é muito. Embora digam que gostariam de sair da localidade para centros maiores ou até mesmo poder ingressar numa instituição de ensino superior, reconhecem que não têm, ou não tiveram, condições que viabilizem isso.

Estes entrevistados abandonaram a pesca por falta de perspectivas de melhoras e de sobrevivência para o grupo familiar. Entretanto, as atividades desempenhadas por eles também não oferecem um grau de segurança que possibilite a elaboração de projeções para o futuro.

Os entrevistados percebem que a oferta de trabalho na região é escassa, que as condições da pesca são ruins e que as atividades que desempenham não são muito melhores. Diante disso, se não há perspectivas de melhores possibilidades no futuro, o que resta é ter medo

daquilo que esta por vir.

O possível mesmo é pensar no hoje, na condições atuais de vida.

### *Aspirações ideais*

Em relação à questão sobre o que fariam se, através do seu trabalho ficassem muito ricos, um deles manifesta o desejo de continuar com a pesca sugerindo que, frente à atual situação da pesca só mesmo ficando muito rico é que poderia se dedicar a ela, a ponto de não depender desta atividade para sobreviver. Voltar à pesca, embora seja um desejo, é algo inacessível frente a necessidade de garantir a sobrevivência.

Outro entrevistado afirma que gostaria de ter uma outra fonte de renda que pudesse lhe oferecer tranquilidade quanto à sobrevivência. Para este, poder voltar, mesmo que em pequena escala, à terra e ao estilo de vida, em contato com a natureza, que ela, a terra, oferece é um sonho, ainda que distante.

Estes dois entrevistados manifestam o desejo de manter o antigo estilo de vida de seus familiares, seja na água ou na terra mas num contato mais próximo com a natureza.

O outro entrevistado afirma que alguma atividade capaz de gerar empregos na região. Portanto, mesmo havendo possibilidade, este entrevistado não sairia da localidade, apesar de não desejar voltar àquelas atividades do passado de seus familiares.

Ora pelo vínculo com a pesca, mesmo que em outra localidade, ora pelo vínculo com a terra ou mesmo com a região, os desejos de todos são de continuar o mais próximo possível do estilo de vida simples de seus antepassados, no qual têm suas raízes. Embora, por contingências, tenham abandonado a pesca, eles ainda mantêm o apego ao estilo de vida anterior. Mesmo aqueles que sonham com casas de aluguel ou, talvez, com uma pequena empresa, assim o fazem no sentido de garantir a

possibilidade de viver de acordo com aquele estilo de vida.

Neste grupo de entrevistados, pode-se perceber que, apesar de abandonada a pesca, na prática, o vínculo com a atividade não foi de todo desfeito, haja visto que as tralhas continuam guardadas e delas lançam mão quando as dificuldades de ganho batem à porta.

Apesar de se dizerem excluídos do grupo de pescadores da região, preocupam-se com o grupo de forma geral. Tecem críticas e fazem sugestões para organizar os pescadores em torno de seu órgão representativo: a Colônia de Pescadores. Isto evidencia que o vínculo com este grupo também não está desfeito.

Comparando as respostas dos dois grupos de entrevistados temos que, em relação à pesca, existe uma diferença básica.

No grupo formado por aqueles que ainda pescam, a ênfase é dirigida à atividade como aquela que possibilita a manutenção do estilo de vida. No grupo, formado por aqueles que não estão pescando, a ênfase é dirigida à impossibilidade, ou não, de obtenção dos ganhos necessários para a sobrevivência do grupo familiar, através da mesma atividade.

Sobre as aspirações, os dois grupos não apresentam diferenças, ou seja, manifestam interesses em atividades ligadas à natureza e, por conseguinte, à manutenção do estilo de vida.

Quanto às possibilidades de mudanças para a melhoria da atividade também não há diferenças em relação aos dois grupos. Ambos consideram que a possibilidade de promoção de mudanças está além das forças individuais e têm dificuldades de perceber ou criar alternativas de ações coletivas.

Aqueles que continuam com a atividade da pesca e aqueles que já a abandonaram estão em situações semelhantes no que se refere à situação profissional, ganhos e perspectivas de vida.

Em suma, não se pode afirmar que existem

diferenças, como era esperado, entre os dois grupos pesquisados. A diferença está mesmo na capacidade de esperar, ou ter esperanças, de que as coisas melhorem daqui para frente.

A não existência de diferenças entre os dois grupos pode estar no fato de que, embora o segundo grupo esteja afastado da atividade da pesca, os dois ainda se encontram nas mesmas condições de trabalho e subsistência, ou seja, dependentes da sazonalidade e à mercê das incertezas de ocupações e, também, por ainda manterem valores da cultura tradicional, como o vínculo com o estilo de vida em estreito contato com a natureza e maior grau de liberdade de ações.

## Referências

- AGOSTINHO, A. A.; ZALEWSKI, M. *A planície alagável do alto rio Paraná: importância e preservação*. Maringá: EDUEM, 1996.
- AGOSTINHO, A. A.; JÚLIO JUNIOR, H. F. J.; BORGUETTI, J. R. Considerações sobre os impactos dos represamentos na ictiofauna e medidas para sua atenuação. Um estudo de caso: Reservatório de Itaipu. *Revista UNIMAR*, Maringá, v. 14, supl., p. 89-107, 1992.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de Sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CAMPOS, J. B. *Parque Nacional de Ilha Grande: reconquista e desafios*. Maringá: IAP, 1999.
- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. *Nosso futuro comum*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.
- CORRÊA, G. T. *O Uso do solo no Arquipélago Mutum-Porto Rico – Alto Rio Paraná, (PR/MS)*. 1998. 27 f. : il. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Biologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- DIEGUES, A. C. S. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- DUARTE JÚNIOR, J. F. *O que é realidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- GOLDBERG GODOY, A. M.; EHLERT, L. G. Porto

Rico: a difícil sobrevivência do homem e do meio ambiente. In: VAZZOLER, A. E. A. de M.; AGOSTINHO, A. A.; HAHN, N. S. (Ed.). *A planície de inundação do alto rio Paraná: aspectos físicos, biológicos e socioeconômicos*. Maringá: EDUEM/ NUPELIA, 1997.

HYMAN, R. *A natureza da investigação psicológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censos demográficos de 1970, 1980, 1991 e 1996*. Brasília, 1997.

JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. A. *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994.

LEME, M. A. V. da S. O impacto da teoria das representações sociais. In: SPINK, M. J. (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MINAYO, M. C. S. O conceito das representações sociais dentro da sociologia clássica. In: JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. (Org.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOSCOVICI, S. *A representação social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PEREIRA DE SÁ, C. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

PEREIRA DE SÁ, C. *Sobre o núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PORTO GONÇALVES, C. W. *Os (Des) Caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Contexto, 1990. 148 p.

RÉGIS DE MORAIS, J. F. (Org.). *Construção social da enfermidade*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

ROCHA, P. C. et al. Aspectos do controle de descargas efetuadas por barramentos no alto rio Paraná. *Boletim Paranaense de Geociência*, Curitiba. No prelo.

ROSA, M. C. Processo de ocupação e situação atual. In: VAZZOLER, A. E. A. de M.; AGOSTINHO, A. A.; HAHN, N. S. (Ed.). *A planície de inundação do alto rio Paraná: aspectos físicos, biológicos e socioeconômicos*. Maringá: EDUEM/ NUPELIA, 1997.

SÁ, L. C. T. de. História regional: Porto Rico: um porto pobre. In: SCHMIT, M. A. et al. *Perspectivas do Ensino de História. III Encontro*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

SAWAIA, B. B. Representação e ideologia – o encontro desfetichizador. In: SPINK, M. J. (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SILVA, B. *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, 1986.

SPINK, M. J. *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. (Org.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994.

TOMANIK, E. A. *Auto percepção da marginalidade*. 1984. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal da Paraíba.

TOMANIK, E. A. Elementos sobre as representações sociais dos pescadores “profissionais” de Porto Rico. In: VAZZOLER, A. E. A. de M.; AGOSTINHO, A. A.; HAHN, N. S. (Ed.). *A planície de inundação do alto rio Paraná: aspectos físicos, biológicos e socioeconômicos*. Maringá: EDUEM/ NUPELIA, 1997.

TOMANIK, E. A. *O olhar no espelho - “conversas” sobre a pesquisa em Ciências Sociais*. Maringá: EDUEM, 1994. 242 p.

TOMANIK, E. A.; CHAVES FILHO, M. M. de F.; LUCAS, S. M. Ocupação do espaço, exclusão e representações: uma contribuição da Psicologia Social aos estudos ambientais. In: ZANELLA, A. V.; SQUEIRA, M. J. T.; LHULLIER, L. A.; MOLON, A. L. (Org.). *Psicologia e práticas sociais*. Porto Alegre: Abrapsosul, 1997.

TOMANIK, E. A.; GOLDBERG GODOY, A. M.; EHLERT, L. G. A vida na região: dados socioeconômicos do núcleo urbano de Porto Rico. In: VAZZOLER, A. E. A. de M.; AGOSTINHO, A. A.; HAHN, N. S. (Ed.). *A planície de inundação do alto rio Paraná: aspectos físicos, biológicos e socioeconômicos*. Maringá: EDUEM/ NUPELIA, 1997.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. NUPELIA/PADCT/CIAMB. *Estudos ambientais da planície de inundação do Rio Paraná, no trecho compreendido entre a foz do rio Paranapanema e o reservatório de Itaipu*. – Maringá, 1995. Relatório final, de pesquisa – Apoio PADCT/CIAMB.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. NUPELIA/PADCT/CIAMB. *Estudos ambientais da planície de inundação do rio Paraná no trecho compreendido entre a foz do rio Paranapanema e o*

*reservatório de Itaipu*. Maringá, 1993. Relatório anual do projeto

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. NUPELIA/PADCT/CIAMB. *Estudos ambientais da planície de inundação do rio Paraná no trecho compreendido entre a foz do rio Paranapanema e o reservatório de Itaipu*”. Maringá, 1995. Relatório final do projeto.